

## **DO RETRATO E AUTORRETRATO AS TRANSFORMAÇÕES DO SUJEITO**

**Autor:** SILVA. Lucélia Gonçalves da  
Especialização em Artes Ufpel  
E-mail: lusilva\_85@hotmail.com

**Orientador:** LORETO. Mari Lucie da Silva  
Prof. Dr. Adjunta da Universidade Federal de pelotas  
E-mail: mari\_lucie@yahoo.com

### **Resumo:**

Este presente trabalho aborda um breve percurso da representação do sujeito por meio do retrato e autorretrato. Para isso buscou-se compreender como estes gêneros artísticos se constituíram desde suas primeiras representações até seus desdobramentos na arte contemporânea. Alia-se a esta investigação a questão do próprio sujeito por percorrer uma série de transformações que desencadearam em sua representação como imagem. Este texto integra a pesquisa feita para o trabalho de conclusão de curso 'Lu luz nua: autorretrato e os desdobramentos do EU na fotografia contemporânea', concluído em 2014, que discutiu o autorretrato na fotografia envolvendo a figura humana em outros tipos de apresentação, buscando assim um novo olhar sobre o corpo.

**Palavras-chave:** Retrato; autorretrato; arte contemporânea.

### **INTRODUÇÃO**

Este presente trabalho aborda um breve percurso da representação do sujeito por meio do retrato e autorretrato. Para isso buscou-se compreender como estes gêneros artísticos se constituíram desde suas primeiras representações até seus desdobramentos na arte contemporânea. Alia-se a esta investigação a questão do próprio sujeito por percorrer uma série de transformações que desencadearam em sua representação como imagem. Para isso buscou-se em Stuart Hall apoio para esta reflexão visto que a identidade é questionada tanto no retrato como no autorretrato.

Quanto mais semelhante mais real o retrato. Partindo desta afirmação podemos observar que no retrato buscou-se a representação ideal baseada na semelhança. Porém esta representação foi sendo questionada. Na modernidade, por exemplo, o retrato passou a reivindicar identidade, assumindo outras características na cena artística. A imagem produzida de maneira desordenada contribuiu para que a identidade do sujeito se tornasse cada vez mais instável e fragmentada. Desta forma ele se deparou com a multiplicidade de papéis na sociedade. Este fato fez com que a semelhança perdesse espaço nas representações do retrato atingindo também o autorretrato.

A partir daí, sujeito seguiu então em busca de novas concepções que estão ligadas as reflexões trazidas pelo autor Stuart hall. Ele observa que o individuo não possui mais uma identidade fixa, compreendendo uma multiplicidade de identidades. A

isso ele aponta para o sujeito pós-moderno, constituindo-se para ele em uma ‘crise de identidade’.

Os artistas então desconstruíram desta forma a representação da aparência física utilizando-se muitas vezes do artifício de construções tipológicas até a apreensão de seu corpo em imagens, que algumas vezes chegam a abstração.

### **Retrato e autorretrato:**

No processo de criação desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso, busquei compreender o autorretrato (foco de minha poética) e investigar como este gênero se constitui no espaço contemporâneo para poder abordar e justificá-lo como tal. Deste modo, apontei para a questão do próprio sujeito, pois o autorretrato provém do questionamento de si próprio, pensando também nas inúmeras mudanças sofridas por ele no seu tempo, passando a não reconhecer a si próprio e nem a seu corpo.

Desta forma sua busca pela representação ideal baseada na semelhança, perseguida por muito tempo, ganha novas concepções dadas a partir do estranhamento vivido pelo próprio indivíduo. Porém para falar da representação do sujeito no autorretrato foi necessário retomar o retrato, pois é parte daí o segmento da autorrepresentação.

Mas o que é um retrato? Sua ideia fundamenta-se na descrição de um indivíduo ou sua representação. Quanto mais semelhante mais real o retrato. Este fato era vinculado à pintura principalmente, pois as habilidades técnicas determinavam a semelhança do retratado. Segundo VIEIRA<sup>1</sup> (2012), em um retrato convencional, o artista tende a buscar o maior grau de similitude possível entre a imagem e as características físicas do retratado, em especial os traços do rosto – signo essencial da identidade. (ibidem, p.39)

No século XV a função do retrato era a representação do indivíduo abordando seu poder, prestígio e posição social na sociedade, apresentado pelos artistas por meio de indumentárias, objetos ou até mesmo simbologias que elucidavam os retratados. Acompanham-se a isto, os anseios de uma burguesia ascendente em projetar imagens de sua vida pública ou privada. Um exemplo disto se dá no retrato de Luís XV, figura 1, um típico retrato de corpo inteiro direcionado aos governantes. SCHNEIDER ao comentar sobre o papel do retrato nesta época, afirma que:

De igual modo, os retratos de casais e os de família permitiam que as unidades sociais básicas do começo do estado moderno projetassem uma imagem própria que era, na sua essência, constituinte com os costumes e convenções da época. (...) A sua complexidade é revelada pela retórica gestual, pelo vasto vocabulário de posturas físicas e expressões faciais e pela multiplicidade de insígnias e de outros atributos que caracterizavam os modelos e simbolizavam as suas esferas de influência. (SCHNEIDER, 1997, p. 6)

---

<sup>1</sup> Luiz Henrique Vieira. Dissertação apresentada na área de Arte e Tecnologia da Imagem pela Universidade de Minas Gerais.



Figura 1



Figura 2

Figura 1. Antoine-François Callet. Luís XV, Óleo sobre tela, 273x193 cm. 1783

Fonte: <http://www.tumblr.com/search/antoine%20francois%20callet>. Acesso em: 12/12/2014

Figura 2. André Disdéri. Retrato de M. Duprez (actor francês) Sem data.

Fonte: [http://lounge.obviousmag.org/a\\_lente\\_lenta/2013/02/a-representacao-certa.html#ixzz3HqeUmNA4](http://lounge.obviousmag.org/a_lente_lenta/2013/02/a-representacao-certa.html#ixzz3HqeUmNA4). Acesso em: 14/12/14

Desde então o retrato, por um longo período, abordou os vários tipos de sujeito sociológico em seu papel na sociedade. Na fotografia o cartão de visita<sup>2</sup> foi um gênero do retrato que construiu a imagem social da burguesia. Este gênero atribuiu-se da pose, iluminação e cenários presentes nos códigos do retrato na pintura, que conferia ao retratado a imagem social ideal. Na figura 2, o retrato de M. Duprez mostra a pose evidente do retratado e o cenário criado com uma série de objetos para que demonstre ainda mais a posição social pretendida de Duprez.

Com isso, a representação fiel da figura humana permeou a história da arte até alcançar a modernidade nas primeiras décadas do século XIX, visto que esta representação já estava sendo questionada nos movimentos artísticos deste tempo. Com a alteração das circunstâncias históricas envolvendo o retrato, junto com a difusão das tecnologias como a fotografia, em ascensão neste mesmo século, e por meio da Revolução Industrial<sup>3</sup>, fatos importante do período trouxeram ao ser humano outro olhar para si e para seu próprio cotidiano. Tais acontecimentos refletiram significativamente na sociedade. A fotografia, por exemplo, mudou a visão das pessoas, ao evidenciar a momentaneidade e a aceleração da vida cotidiana. Este fato imediatamente se refletiu na pintura, alterando a forma dada as obras e a própria construção da realidade na imagem

---

<sup>2</sup> O cartão de visita era um formato de apresentação de fotografias inventado pelo francês André Adolphe-Eugène Disdéri (1819-1889), assim denominado em virtude de seu tamanho reduzido. Disseminou-se principalmente na década de 1860, quando se tornou um modismo em escala mundial, sendo produzido aos milhões em todo o mundo, inclusive aqui no Brasil.

<sup>3</sup> A Revolução Industrial foi um conjunto de importantes mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX, onde sua principal característica foi a substituição do trabalho artesanal pelas máquinas. Isto permitiu o surgimento de grande parte da tecnologia desta época, o que levou a mudanças na vida da população, pois antes a maioria vivia nos campos plantando e colhendo os produtos que consumiam, e durante e depois da revolução, as cidades revelaram grande crescimento de população, fazendo com que mudassem os hábitos do cotidiano.

representada pelos artistas. O universo do indivíduo foi invadido então de imagem, reproduzidas cada vez mais em grande quantidade, principalmente quando surgem meios de reprodução que permitiam multiplicá-las de forma barata e rápida.

Na modernidade o retrato passou a reivindicar identidade, como ao autorretrato, assumindo outras características na cena artística. A noção de identidade do sujeito, influenciado também pela cultura de consumo, sofreu grandes mudanças que refletiram na visão de sua aparência física como em sua própria representação. Produzir imagens tornou-se um hábito cultural em seu cotidiano de maneira desordenada, contribuindo para que a identidade se tornasse instável e fragmentada. Desta forma, este sujeito não se reconhecia ao olhar-se no espelho. Fato que desencadeou na contemporaneidade. Kátia Canton articula que:

(...) a imagem contemporânea não se constrói como mera representação narcísica. Ao contrário, se ela se mantém como uma forma de reivindicar identidade, seu foco está na produção de um estranhamento, uma sensação de incomodo – aquela remanescente à sensação de se olhar no espelho e não se reconhecer. Essas emoções estão ligadas à situação do ser humano contemporâneo, inserido numa sociedade de informação eletrônica e virtual, pressionado pela mídia, sufocado pelas imposições velozes de tempo e espaço que se configuram na realidade cotidianas da cidade. (CANTON, 2001, p.68)

Deste modo o ser humano se deparou com a multiplicidade de papéis enquanto representação no mundo. Sua identidade tornou-se simulacro, descontinuidade, deslocamento e fragmentação. Annateresa Fabris (2004) comenta sobre esta questão ao afirmar que o indivíduo da contemporaneidade não revela sua semelhança imediatamente. Segue-se desta forma uma identidade baseada na ilusão do simulacro e na fragilidade.

A aparência, desse modo deixa de estar conotada à idéia de algo que se mostra de imediato para assumir o significado de ilusão, de disfarce, de simulação. O sujeito nada pode nesse processo: o que ele tem a exibir é produto de um aparato que o transforma à sua revelia, conferindo-lhe uma identidade bem frágil, fruto de uma casualidade que continuará a imprimir alterações naquela que é considerada a marca distintiva de todo indivíduo: sua esfígie (...) (FABRIS, 2004, p.73)

As reflexões atribuídas ao sujeito mostram-se nas relações de representações no autorretrato. A semelhança do real, desta forma, perdeu seu foco principal. Segundo BARBON (2006), a aparência física é substituída pelas sensações. O autorretrato torna-se questão de estranhamento pelas próprias mudanças de vida na sociedade. Os artistas apresentam o autorretrato como representação de si em relação ao outro, muitas vezes encenado e fictício, ultrapassando assim a própria forma de se pensá-lo como realidade.

Mas o que é o autorretrato? Ele trata da relação do indivíduo retratado por si mesmo. “Desta forma é fundamentado em uma representação da individualidade do próprio autor, e, portanto, pressupõe-se que funcione como uma reflexão sobre o universo particular do mesmo”. (VIEIRA, 2012).

Primeiramente para falar de autorretrato é importante citar o artista Albert Durer (1417-1528), que foi importante neste gênero, pois foi um dos representantes na emancipação do artista na arte. Um membro da jovem elite urbana executou inúmeros autorretratos durante sua vida. ‘Conceptualmente, socialmente, elegantemente e como artesão, ele quer ser visto como completamente moderno’. (REBEL, 2008). A figura 3 demonstra a intenção do artista.



Figura 3.

Partindo deste pressuposto o autorretrato ensaia também a investigação do indivíduo por um autoconhecimento. A percepção do ‘eu’, do indivíduo contemporâneo segue em busca de novas percepções, já que falta de similaridade impera em contraponto a semelhança perseguida durante um longo período na história da arte. No século XX já temos artistas que procuram retratar-se em seus autorretratos enquanto seres humanos alicerçados Albrecht Dürer. Self-portrait. Oil Panel, 52 cm x 41 cm 1498 Fonte:[https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/on-line\\_gallery/obra/self-portrait/](https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/on-line_gallery/obra/self-portrait/). Acesso em: 14/12/14 pelo existencialismo. Um representante é Francis Bacon. Ao analisar o autorretrato de 1973, figura 4, de Bacon, Ernest Rebel afirma que:

Enquanto indivíduo, Francis Bacon é praticamente irreconhecível nesta pintura, pelo menos externamente. Mas o seu mundo interior foi aqui composto. Tornou-se uma parábola para o encadeamento de uma vitalidade sem restrições e de suas explosões. O estado psicológico de Bacon tornou-se um espelho dos sentimentos existenciais modernos. (REBEL, 2009, p. 84)

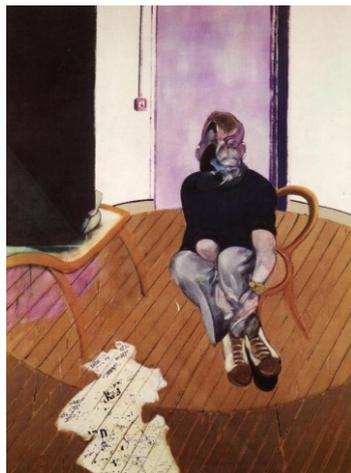


Figura 4. Francis Bacon. Autorretrato 1973

Fonte: <http://cinemaesombras.blogspot.com.br/2011/02/sala-de-exibicao-francis-bacon.html>. Acesso em: 14/12/14

Os artistas então desconstruíram desta forma, a representação da aparência física, que muitas vezes utilizaram-se do artifício de construções tipológicas por meio de personagens de seu tempo até a apreensão de seu corpo em imagens, que algumas vezes chegaram a abstração.

As reflexões abordadas pelos artistas no contemporâneo estão diretamente ligadas ao sujeito e sua busca por uma identidade na sociedade deste período. Stuart Hall foi um autor de grande importância ao tratar dos reflexos atribuídos a este sujeito nesta busca, enfatizando que este indivíduo não possui mais uma identidade fixa. Hall aborda três concepções de identidade na sociedade ocidental. A primeira, do sujeito do Iluminismo cuja identidade formada era unificada e racional. Ela baseava-se em estruturas estáveis e estabelecidas pelos processos da modernidade. A segunda concepção, a do sujeito sociológico, aborda uma identidade dada pelo encontro de seu eu com o outro, entre o mundo interior e o exterior. E por fim o autor traz o sujeito pós-moderno, onde conceitua que este indivíduo compreende uma multiplicidade de identidades, adotadas de acordo com cada momento vivido. Deste modo a identidade do sujeito não é unificada. Hall ainda ressalta que:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamado, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. ( HALL, 2003, p. 9)

Por meio de um ‘eu’ social, configurado pelas relações com a sociedade que o circunda na questão da comunicação, MAFFESOLI também enfatiza que esta identidade se constrói a partir da diferenciação dos momentos da comunicação, revelando as várias facetas da pessoa. Sendo assim:

Nesse jogo de cena, o eu dobra-se e desdobra-se ao infinito, mostrando bem que a superfície da comunicação é uma reversibilidade constante entre pólos que são ora objetos, ora sujeitos, numa sucessão de seqüências que constitui o que chama eu. (MAFFESOLI, 1996, p. 311)

Partindo deste pressuposto os artistas utilizaram tanto o retrato como o autorretrato das mais diversas formas, brincando muitas vezes com sua própria imagem.

### **Novas configurações do retrato e autorretrato**

O corpo tornou-se espaço para o autoconhecimento do indivíduo, retomado assim na fotografia e nas novas mídias. Os recortes utilizados nas imagens abordam a perda da identidade fixa do sujeito, que se dá a partir da dificuldade do reconhecimento da imagem de si em uma sociedade fragmentada. Os artistas exploram a produção de imagens onde recusam a objetividade da técnica fotográfica criando uma seriação de imagens que tendem a abstração total, tendo como base para isso o próprio corpo ou o corpo de outro indivíduo. O rosto já não é sinônimo de reconhecimento imediato da identidade do sujeito.

Depois da representação do corpo/modelo, isto é, o corpo exterior a obra como referencia, surgem outras formas de o fazer presente. Dela sua auto-representação, o corpo é o próprio agente da ação sobre o suporte, ou pode ser o suporte pelo qual a obra vai conectar-se, ou, não estando representado, torna-se de uma forma implícita, presente, pois está todo ou parcialmente envolvido na ação construtiva da obra, ou seja, a obra é a materialização de um gesto ou de uma vivencia. (LIMA, 2012, p. 14)

Annateresa Fabris (2004) define como sendo o *autorretrato acéfalo*, a identidade partindo da ocultação do rosto principal elemento de identificação do retrato. Esta forma de captura do corpo pode ser relacionada ao enquadramento fotográfico. Este procedimento de recorte pode ser investigado primeiramente pela evolução que as máquinas fotográficas alcançaram. As câmeras portáteis, por exemplo, tiveram grande importância para isso, transformando a criação artística em uma ação mais autônoma para o artista. A aproximação das relações da imagem de seu corpo, através do *zoom*, possibilitou novas significações. Gozzer (2010) esclarece o favorecimento desta prática fotográfica, onde o processo manual dá lugar ao pensamento artístico junto à ação da câmera.

As câmeras, mais portáteis, provocam transformações marcantes no processo de criação do artista, nos próprios conteúdos formais e na aquisição de repertório imagético, assim como o caráter aurático que a obra e o artista poderiam significar para a sociedade. (...) Outro aspecto favorecido pela prática é a autonomia cada vez maior do artista, em que suas mãos e sua técnica tornam-se cada vez menos imprescindíveis à construção do de um auto-retrato. (GOZZER, 2010, p. 59)

Isto permitiu que os artistas investigassem dessa forma, sua representação chegando até mesmo a abstração da imagem corpórea na linguagem fotográfica. Jonh

Coplans propõe esta mesma concepção ao incorporar o uso de recursos mecânicos, através da técnica fotográfica e do enquadramento, para a produção de imagens de grande força visual. Explorando ao máximo, formas derivadas de partes de seu corpo. Recorre desta maneira ao prazer da descoberta de sua corporeidade.

A figura 5 exemplifica a ideia do artista que direciona o olhar para seu corpo. Nesta imagem, o dorso é a parte do corpo selecionada pelo artista. Por estar no lado oposto ao rosto, incide na região com menos identificação da sexualidade e da semelhança de identidade do corpo humano.

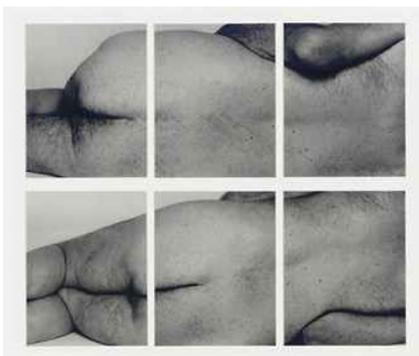


Figura 5- John Coplans. Self Portrait (Reclining Figures, Two Panels, No 2), 1996  
Fonte: <http://artist.christies.com/John-Coplans-16820.aspx> Acesso em: 14/12/14

Uma das formas que se dá ao autorretrato contemporâneo é sugerida pelo estranhamento, por meio da imagem do sujeito com sua ausência. Os artistas valem-se do velamento ao desaparecimento de sua presença física nos trabalhos produzidos. Pela liberdade de novas linguagens atribuídas ao autorretrato contemporâneo, o sujeito brinca com sua própria imagem.

O apagamento do sujeito é comentado por Tadeu Chiarelli. Ele aborda a utilização da imagem fotográfica na obra de alguns artistas contemporâneos, neste sentido:

(...) o desejo de mostrar a impossibilidade de identificar o outro e a si mesmo, numa sociedade esfacelada como a atual, criou a necessidade de contrapor à nitidez da fotografia anterior um certo embaciado, conseguido por meio de operações técnicas no processo de produção e/ou revelação da imagem (...) ou pela justaposição de várias imagens, o que impediria a fixação objetiva do olhar do espectador apenas em uma delas.(CHIARELLI, 2002, p. 132, 137)

Sendo assim, neste ‘apagamento’, se reforça a ideia de não reconhecimento direto do artista, e a perda de identidade do sujeito contemporâneo por meio do processo da fotografia.

Nesse universo do velamento da imagem, associa o trabalho da artista mineira Rosângela Rennó, onde o velamento e os apagamentos nas fotografias são propostas da artista em diversos trabalhos. Possuindo desta forma uma espécie de dificuldade, forçando o olhar do espectador. Pode se perceber na figura 6 que a leitura da imagem é impedida pela camada escura contida nela. Sendo assim o espectador precisa deter-se

com mais atenção diante da imagem para que se possa ver o que nela está presente. A partir disto, o trabalho de Rennó pode ser inserido no sentido do apagamento e da perda de identidade do sujeito contemporâneo, já que também se apropria de imagens descartadas de anônimos, em que a identificação é calcada apenas por características particulares de cada imagem.



Figura 6. Rosangêla Rennó. Sem título (menino), da série "In Oblivionem" (álbum de família). Fotografia p&b em papel resinado e moldura de madeira pintada. 53 x 44 cm. 1994  
Disponível em: <http://mam.org.br/acervo/cm2006-162-renno-rosangela>. Acesso em: 14/12/14

### **Conclusão:**

Considerando o autorretrato, que em um primeiro momento de sua constituição na história o rosto era o elemento de reconhecimento imediato de um indivíduo, foi se transformando muitas vezes por meio do fragmento/detalhe e do velamento da figura na imagem. Busquei assim, estabelecer relações com a ideia da identidade do indivíduo contemporâneo, que não é mais fixa, e acaba por não se reconhecer na sua imagem. Desta forma os artistas se apropriaram de novas explorações voltadas a imagem do corpo humano. Isto ocasionou em uma nova forma de percepção sobre o corpo e sobre o retrato e o autorretrato.

### **Referências:**

- CANTON, Kátia. **Corpo identidade e erotismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CANTON, Kátia. **Novíssima arte brasileira**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional brasileira**. 2º Ed. São Paulo: Lemos editora, 2002.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FABRIS, Anateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAFESOLLI, Michel. **No fundo das aparências**. São Paulo, editora Vozes. 1996

REBEL, Ernest. Auto-retratos. Colonia, Alemanha. Editora Taschen. 2009.

SHNEIDER, Norbert. **A Arte do Retrato**. \_\_\_\_\_, Taschen. 1997

#### **Artigos e teses:**

BORBON, Lilian. **Da fixação do real a desconstrução do indivíduo: pequeno traçado histórico do auto-retrato fotográfico**. Disponível em: <http://www.fotografiacontemporanea.com.br>.

GOZZER, Claudia Maria França Silva. **Deslizamentos e desnudamento do sujeito, ao ritmo de sístoles e diástoles do tempo: análise processual de objetos autorrepresentacionais**. Campinas, SP. 2010.

LIMA, Isabel Cristina Seabra. **Corpo sem rosto**. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes. Dissertação em desenho. Lisboa Portugal, 2012.

VIEIRA, Luiz Henrique. **Identidade e alteridade na construção do autorretrato: Quando o 'outro' é convocado a figurar na superfície especular**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012